

(Era um sonho feliz)

M 261

**RUBEM BRAGA**

# A PRAÇA TRÊMULA DE LEMBRANÇAS

CM 16.5.53

ELE P ELA  
Nº 116

RN 151

*onibus*

*falavam alto e riam*

EU ia distraído, a pé, com um amigo, e quando desembocamos na praça senti um choque íntimo, fiquei um instante imóvel, a olhar, com surpresa de minha própria emoção. Depois daquele tempo eu já passara algumas vezes pela praça, mas não sentira essa impressão estranha, forte e absurda de estar repetindo um momento vivido. Sob um céu azul a praça estralejava de seus banais rumôres — vozes, um bonde que partira roncando com suas ferragens, os motores dos carros. Um automóvel de luxo passou rápido buzinando alto sua riqueza, uma velha pobre com uma criança na mão se detinha no meio-fio, com medo de atravessar, um sujeito saía da farmácia, operários davam gargalhadas no bar.

Aberta em quatro lados, a praça absorvia e expelia gente e veículos com seu ritmo vespéral; mas tudo, a banca de jornais, o capotinho vermelho da menina louca que brilhava tanto ao sol, tudo repetia o instante de outros anos, com uma verdade lancinante — e havia um homem dentro de um café, na mesa mais do fundo, que bebia alguma coisa vigiando sempre uma esquina distante.

*de um antigo*

Olhei. E aquela que era esperada — eu tinha certeza — apareceu com uma blusa colorida e uma saia cinzenta, andando com uma espécie de firmeza musical, sobre seus saltos altos. Funcionavam bem suas pernas longas, queimadas de sol, e ela estava tão limpa e tão elegante na calçada clara! De longe o homem do fundo do café adivinhava seu perfume leve. Já havia pago a despesa, ergueu-se — era uma louçura marcar um encontro ali, dissera ela mais de uma vez, mas os dois repetiam essa loucura sem necessidade, talvez o homem da farmácia, o chofer do táxi já tivessem notado, a praça tinha muitos perigos, tinha muitos olhos em volta e nas suas quatro ruas. Quem a visse andar assim, firme, sem jamais olhar de lado, o queixo um pouco erguido, e tão alta e digna que os operários da constru-

ção não ousavam dizer nada quando ela passava perto, apenas assobiavam quando já ia mais longe; quem a visse assim tão linda e certa de si mesma, tão jovem senhora (dois riscos brancos na canela da perna morena tinham sido feitos pelas unhazinhas da menina, que adorava riscar assim o corpo queimado de sua mãe) não imaginaria seu sobressalto, a leve angústia que a possuía naquele instante, e que a fazia tratar aquele homem que amava como uma espécie de segura, uma obscura raiva de amante — só algum tempo depois de juntos ela se deixava entregar à própria ternura e à dêle.

Seria absurdo dizer que ela não amava seu marido, então como explicar que aquilo pudesse acontecer? E na praça ia outra gente com outras coisas na cabeça, talvez naquele mesmo instante dois malandros ali estivessem marcando um encontro para um assalto, outros destinos estivessem mudando devido a um encontro, uma palavra, alguém tomava de súbito certa decisão, sentia-se que as coisas estavam acontecendo na praça, até o homem de paletó de pijama com uma cesta cheia de frutas era permitido supor naquele momento lhe tivesse ocorrido alguma coisa definitiva.

Como um inútil espião, vi e mostrei ao meu amigo os dois amantes que se encontravam como por acaso; eu morava, vivera, tremera naquela praça, lembrei-me de mim mesmo em momentos assim; com ódio e derrota na alma, também com o coração cantando, aqui fui pária, namorei rodas de bonde para suicídio, aqui fui imperador feliz do reino mais belo, aqui nesta praça junto do morro, com ruas que sobem e descem, aqui meus nervos vibraram e agora novamente vibram, porque alguma coisa, o ângulo da luz, o passo da mulher, o capotinho da criança me devolveram completa a tardinha de 10 anos atrás, tão viva e trêmula sobre o asfalto da praça, sobre os carros, e a inquietante gente, e o coração desatinado.

*Só algum tempo depois de juntos ele pensaria e mão pelo seu joelho e diria: "eu gosto de seu joelho" — e o beijaria. E ela diria: "bobo!"*

*x. ainda me senti*

\* É aquele homem ansioso, antigo, magro, que bebia conhaque português, e olhava a praça, era eu.

M-567

2-3-63

30